**Theusinha, em estado de graça**

Comecei a pesquisar sobre o queer quando passei a me entender como um corpo não-binário. E, assim como muita gente, foi na universidade que tive o primeiro contato com a ideia de que nós não precisamos nos classificar enquanto homens nem mulheres, pois essas são categorias fictícias construídas historicamente e usadas como moldes que excluem, traumatizam e punem os corpos que não pertencem a esses padrões. Este é, portanto, um saber acadêmico. Nas ruas, no dia a dia, em um país que mais mata pessoas trans, a história não é nada simples. Viver na pele esta realidade, longe de ambientes protegidos pela aura acadêmica, é a razão pela qual acredito que devamos ir afundo na disseminação desse tipo de conhecimento, que é inacessível e ininteligível para a grande maioria das pessoas.

No coletivo, nossos corpos são múltiplos, no individual, nossas existências são permeadas por uma série de condições, algumas inerentes a nós, outras construídas pela sociedade. Essas condições nos enraízam em lugares e esses lugares obedecem a hierarquias sociais que estão atreladas a privilégios. Privilégio nada mais é o que todo ser no mundo deveria ter o direito de ter, mas que, na nossa sociedade, são direitos adquiridos por status de classe, gênero, sexualidade, raça e capacidade física, obedecendo à lógica capitalista, que é, por natureza, classista, machista, binária, heteronormativa, racista e capacitista. Nossa realidade obedece a lei do mais "forte", em que os fortes são os menos vulneráveis e, os fracos, os mais.

Numa sociedade fascista e capitalista, os elos mais vulneráveis são os primeiros a padecer, justamente por se encontrarem mais vulneráveis e não ostentarem os privilégios de seus binários opostos. Os corpos negros, os corpos trans, os corpos das mulheres, das crianças, dos idosos, dos deficientes físicos, dos pobres, são corpos desprotegidos.

É por isso que falo de Matheusa Passareli, um corpo que caminhava desprotegido, um corpo estranho a rodar pelo mundo, assim como tantos outros corpos únicos em suas pluralidades, mas um corpo que produzia e movimentava com sensibilidade. Um corpo vivo. Eu não conheci Matheusa, essas são minhas impressões fictícias sobre ela. Apenas nos esbarramos em uma oficina do coletivo *Serigrafistas Queer*, que aconteceu no vão do MASP, no começo de 2018. Lembro que a serigrafia que Matheusa fez, continha as palavras *CORPO TRANESNHO*. Essas palavras ficaram impressas na minha lembrança.

Dois meses depois, soube da notícia trágica sobre a execução dela, no Rio de Janeiro. Lembrei que a gente tinha estado no mesmo ambiente naquela ocasião, soube que ela era estudante de uma universidade pública assim como eu. Lendo, descobri que ela tinha muitos pontos que convergiam com minhas vivências e, principalmente com as vivências de amigos do peito que me cercam. Senti como se fosse uma amiga minha que tivesse partido. Um corpo de bixa preta não-binária, que era um corpo estranho na universidade, na sociedade, na família. Que só não era estranho a si próprio.

Esse processo lindo e dolorido, que Matheusa teve de se descobrir, pelos olhos de fora, que ela não era um corpo que pertencia aos espaços que circulava, que a viam como bixa, como preta, como periférica, é um processo empático a muitos de nós que, embora não tenhamos passado exatamente pela vivência de Matheusa, nos enxergamos nela, ou enxergamos nossos conviventes mais próximos, numa sobreposição desta existência.

Matheusa começou a desenvolver o processo de performance chamado "Corpo Estranho" em 2015, quando se mudou de Rio Bonito para o Rio de Janeiro. Ela disse ao portal **RIOetc** (linkar <http://www.rioetc.com.br/pelas-ruas/corpo-estranho/>) o seguinte:

*“Corpo Estranho* é um processo de performance que eu tenho desenvolvido e começou a acontecer em 2015, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro. Percebi que meu corpo não era deste espaço e que as pessoas notavam isso: a minha ‘bichice’, a forma que eu me porto. Comecei a me descobrir, enquanto pessoa negra e bicha preta. Dessa forma, pude aumentar meu leque de referências. A minha produção de arte é um registro da minha existência e sobrevivência na cidade do Rio de Janeiro, da minha sobrevivência a olhares, ao mercado, a ser uma pessoa que usufrui dos bens públicos. A minha pesquisa em arte tem uma potência política”

Matheusa imprimiu em nós sua arte, sua existência linda, sua beleza, seu olhar que nos olha e sua empatia. Que ela seja lembrada pela marca que deixou em nós como artista, como poeta, como humana e como exemplo de luta. Precisamos redesenhar caminhos onde nossos corpos estranhos não permaneçam sendo alvos. E, talvez, o único caminho plausível para nos protegermos é caminhar para um lugar onde não tenhamos do que nos proteger. Um lugar onde estas estruturas opressoras não existam mais como ameaça de nossas existências. Me pergunto se esse lugar pode ser construído sobre um império já consolidado com estruturas e elos implacáveis. Acredito que não. Não sem que este império caia. E para que ele caia, a importância da nossa resistência é fundamental. Desistir não é uma opção. É lembrando de cada existência eliminada por esse sistema cruel, é humanizando esses corpos e memórias e fazendo-os sobreviver além de seu tempo, sensibilizando a todos com a nossa causa, que iremos conseguir a empatia necessária não para vencer - ainda - mas para minimamente viver sem se preocupar em sobreviver.

O vídeo que segue é uma releitura do texto de Matheusa "Corpo Estranho" - que pode ser lido na íntegra **aqui** (linkar http://www.rioetc.com.br/pelas-ruas/corpo-estranho/). É uma singela homenagem à Matheusa como pessoa, como amiga, como namorada, como irmã e como filha e também a tudo que ela representa como bixa, preta, não-binária, estudante, corpo e alma - e que a sensibilidade de Matheusa penetre nas nossas!

Que a memória das pessoas que morreram lutando permaneça sempre viva, e que os vivos lutem para que as memórias e lutas sejam mais que isso, sejam existências vivas e presentes.

Matheusa presente!

Marielle presente!

*Crédito da imagem e do texto usado como inspiração: @theusinha*